

## O ESTRUTURALISMO A PARTIR DOS ESTUDOS DE LACAN, LÉVI-STRAUSS E BARTHES

Luciara Pereira e Pablo Lemos Berned<sup>®</sup>

### RESUMO<sup>®1</sup>

Este trabalho está vinculado ao Grupo de Estudos Lingüísticos (GEL), referente ao estudo desenvolvido no 1º semestre de 2004, tendo por objetivo compreender e refletir a lingüística contemporânea a partir do estruturalismo. Tem-se em vista a apresentação de uma reflexão sobre o estruturalismo referente ao período em que se destacaram a Estética, o Cientismo e a História, com base nas pesquisas de seus principais teóricos. Para isso, fez-se a leitura da obra **História do Estruturalismo** volume II de François Dosse, detendo-se no capítulo III, *O Estruturalismo entre o Cientismo, Estética e História*. O referido capítulo trata do estruturalismo a partir de teóricos como Lacan, Lévi-Strauss e Barthes, que foram os estudiosos que mais se destacaram na busca da formalização lingüística desse período.

**PALAVRAS-CHAVE:** reflexão, estruturalismo, teóricos precursores.

O estruturalismo surgiu como um movimento que objetivou a ruptura com o mundo da abstração, posicionando-se como o método essencialmente oposto à metafísica, devido ao seu caráter objetivo, analítico e, essencialmente, pela miragem da formalização das ciências humanas.

O estruturalismo é um método rigoroso de abordagem de estudos que visa a análise do objeto com base nas estruturas que compõem o sistema desse, ou seja, é a busca pela sistematização dos estudos das ciências, a fim de obter resultados mais precisos, refletindo principalmente nas áreas humanas e sociais. Seu objetivo principal era o alcance do saber científico, que é necessário para que

uma ciência constitua-se e desenvolva-se no universo da pesquisa. Segundo a definição que a Enciclopédia Barsa fornece sobre a utilização do estruturalismo como recurso de estudos, tem-se que,

como método científico, o estruturalismo estuda seu objeto, trata-se de cultura, linguagem, psiquismo humano ou outro qualquer, como um sistema em que os elementos constituintes mantêm entre si relações estruturais. Ao tomar este ou aquele objeto, o estruturalismo se propõe transcender a organização primária dos fatos, observável na pesquisa, para descrever a hierarquia e os nexos existentes entre os elementos de cada nível, para depois chegar a um modelo teórico do objeto. (p.110-111)

Nesse processo de busca pela formalização, ocorreram vários acontecimentos que colaboraram tanto para o desenvolvimento, quanto para o declínio do movimento. Um desses acontecimentos foi a fundação da Escola de Paris, em 1968, e no ano seguinte da Associação Francesa de Semiótica, que contribuiu para o desenvolvimento dos estudos semióticos sobre o objeto literário.

Nesse contexto, foram discutidas várias questões sobre o romance, procurando estudar a lógica interna da narrativa apoiados nas categorias semânticas. O romance passa, então, por uma crise, permitindo a aproximação da teoria literária e da literatura em torno do *nouveau roman*, passando-se, então, a valorizar a escrita.

Nesse cenário, destacam-se teóricos como Lévi-Strauss, representando os estudos de antropologia, com base num



estruturalismo científico, Lacan com estudos de psicanálise e Barthes, voltado para um estruturalismo mais flexível, com estudos semiológicos.

Com base nesses teóricos, refletiu-se sobre a constante busca de formalização dos estudos lingüísticos, interesse que reflete em outras ciências humanas, em virtude da dificuldade de obtenção de resultados lógicos, que são exigidos de todas as ciências para que possam ser vistas como tal.

O estruturalismo, nesse período, destaca-se pela sua divisão e atenção a essas três diferentes áreas das ciências humanas: a área científica, a estética e a histórica. Com relação à estética, destaca-se o surgimento do *nouveau roman*, que procurou vislumbrar a obra literária sob uma ótica mais objetiva e sintética; o cientismo apresenta os estudos da Alteridade (o outro em si, o outro no espaço, o outro no tempo) e a estrutura dos mitos, formados nas sociedades primitivas; e a história volta-se para a história das mentalidades, vistas como essenciais para a história social, também se destacando o estudo da estrutura no processo de historicização.

O *nouveau roman* é uma forma experimentalista da escrita literária, também designado por anti-romance, pela subversão dos processos tradicionais da narrativa, característica da produção literária de romancistas franceses da década de 1950, entre os quais se encontram Nathalie Sarraute e Alain Robbe-Grillet. De modos vários, os escritores do *nouveau roman* procuraram eliminar as personagens, o enredo e a subjetividade inerente ao trabalho do autor, tentando, na sua escrita, apresentar o mundo como uma "coisa em si mesma", na sua solidez e pureza de conceito.

O *nouveau roman* apresenta-se

como um romance objetivo, no qual o homem acha-se desconcentrado. A personagem clássica é excluída, privilegia-se o espaço e o tempo suspenso num presente estático, dá-se ênfase ao modo descritivo. As obras *Le Voyeur* (1955), de Robbe-Grillet, e *Le Planetarium* (1959), de Sarraute, tornaram-se exemplos desta tendência literária.

Os estruturalistas vêem a literatura como uma forma de aplicar a linguagem. Segundo a visão desses, a literatura seria uma prática que permite ao autor sistematiza informações, utilizando suas descobertas na produção de obras, na qual o autor desloca-se para a esfera discursiva, destacando a relação inseparável com a língua.

O estruturalismo e o *nouveau roman* têm a escrita como foco de sua atenção. Dessa maneira, o estruturalismo aproxima-se da literatura e das ciências sociais, distanciando-se da rigidez estrutural. Desenvolve-se, a partir desse momento, a prática da filosofia como um discurso que permite associar a lógica e a estética.

Na área da psicanálise, procura-se desenvolver a formalização do pensamento com base na matemática, pois, para Lacan, a estrutura está no inconsciente. Ele utiliza as figuras topológicas, representando graficamente ou descritivamente os objetos estudados, e o matema, que se relaciona com a idéia de transmissão. Ele procura construir uma linguagem matemática, na qual tudo possa ser explicado e comprovado com base nas teorias científicas.

Dentre as contribuições de Lacan para a psicanálise, destaca-se a figura de alteridade do Outro em si, na qual o saber inconsciente do sujeito apresenta-se como o único saber



significante, sendo identificado por meio do discurso. Lacan desfaz a ilusão da unidade do *eu*, mostrando que esse é, antes o *outro*. É aquele que vejo na minha frente que penso ser *outro* é igual a mim. Com isso, Lacan desenvolve o princípio de *alteridade*, segundo Dosse, que envolve o sujeito, visto como o *eu*, e o *outro*, que é visto pelo *eu* como o seu reflexo, mas que, na verdade, é o *outro* que faz com que o *eu* possa identificar-se e posicionar-se como tal.

No seminário de 1955-1956, dedicado ao estudo das psicoses, Lacan (1992) retoma a questão da constituição do sujeito como sendo sempre referenciada ao *outro*. Para Lacan, é o *outro* que funciona como referência para toda a constituição de um *eu*. Conforme Lacan (1992: 50),

é que o eu humano é o outro, e que no começo o sujeito está mais próximo da forma do outro do que do surgimento de sua própria tendência. Ele é originariamente coleção incoerente de desejos aí está o verdadeiro sentido da expressão corpo espedaçado e a primeira síntese do ego é essencialmente alter ego, ela é alienada. O sujeito humano desejante se constitui em torno de um centro que é o outro na medida em que ele lhe dá a sua unidade, e o primeiro acesso que ele tem do objeto, é o objeto enquanto objeto do desejo do outro.

Nesse sentido, os estudos lacanianos incentivaram o interesse em relação à posição do sujeito no tempo e no espaço. Isso porque é fundamental nos estudos lingüísticos, literários e sociológicos a busca da identificação das dimensões nas quais os objetos de estudo estão inseridos, para que, assim, seja possível conhecer os fatores que influenciam na constituição desses.

Já Lévi-Strauss assume grande importância nesse período em virtude da utilização do recurso da modelização, a fim de investigar as

relações de parentesco das unidades constitutivas dos mitos. Tal estudo permite conhecer a estruturação das alianças que envolvem o objeto estudado. Para esse fim, Lévi-Strauss aliou a antropologia ao método estruturalista, para obter resultados mais científicos. Conforme a visão de Lévi-Strauss (1973: 121),

O estruturalismo recusa opor o concreto ao abstrato, e não reconhece no segundo um valor privilegiado. A *forma* se define por oposição a uma matéria que lhe é estranha; mas a *estrutura* não tem conteúdo distinto: ela é o próprio conteúdo, apreendido numa organização lógica concebida como propriedade do real.

Como Lévi-Strauss volta-se para a área da antropologia, busca analisar a estrutura da sociedade e compreender seu sistema. Para isso, ele observa as relações e os elementos constitutivos dessa, utilizando uma visão estrutural, na qual se fundamenta pelos esquemas lógicos, para depois desenvolver a análise. Segundo Lévi-Strauss (1973),

Perguntar-se-á para cada sistema quais são as relações expressas, e para cada termo do sistema, que conotação – positiva ou negativa – possui com referência a cada uma destas relações: geração, extensão, sexo, idade relativa, afinidade, etc. É neste estágio “microsociológico” que se espera descobrir as leis de estrutura mais gerais.

Pode-se entender a antropologia estrutural como um método de tentar entender a história de sociedades que não a têm, como é o caso das sociedades primitivas. Dessa maneira, Lévi-Strauss procura identificar a estrutura dos mitos dos povos selvagens, para, assim, poder conhecer a estrutura da sociedade, originada e



organizada a partir das crenças e mitos cultivados naquele grupo.

Com isso, promoveu grandes contribuições para a antropologia, pois seus estudos tiveram repercussão em outras ciências, promovendo a difusão do método estruturalista e das pesquisas relacionadas com a formação das sociedades.

Barthes, semiótico francês, juntamente com Robbe-Grillet, objetiva formalizar os estudos da literatura. Barthes distingue a semiologia em duas partes, a primeira relacionada com o nível formal e a segunda com o plano afetivo da significância. Para Barthes, a aproximação da crítica literária e da reflexão científica sobre a linguagem produz uma categoria que ele classifica como escritor-escrevente, ou seja, absorve o mundo e o explica.

Assim, Barthes volta-se para o prazer do texto, no qual o valor estético abre o caminho da escrita àqueles que deixam de codificar para sentir prazer em relação ao texto e à escrita. Segundo François Dosse (1994: 244),

A escritura é então reivindicada como espaço de gozo, prova de desejo, de prazer. Barthes assume plenamente a subjetividade, tanto no ato de escrever segundo o seu próprio sistema de gostos/desgostos, quanto no das reações do leitor cujo julgamento depende do prazer inteiramente pessoal que nele provocou o texto lido.

Para Barthes, deve-se ver o estruturalismo como atividade, posto que implica uma sucessão articulada de operações mentais, cuja finalidade é destacar as funções do objeto analisado. É necessário reconstruir o objeto, desmontá-lo e “encontrar nele fragmentos móveis cuja situação diferencial gera certo sentido” (Barthes, 1970: 52), ou seja, descobrir ou fixar as

regras de associação entre as unidades mínimas, comparando-as com outros objetos, numa relação de *afinidade* e *dessemelhança*. A partir do arranjo dos fragmentos dispersos, forma-se o simulacro do objeto – simulacro dirigido, interessado – que faz aparecer o que antes não era inteligível. A diferença entre o objeto natural e o simulacro é o acréscimo de intelecto: é a sua reconstrução a partir do homem, da sua situação, da sua liberdade, etc.

Para nos aproximarmos do que distingue o estruturalismo de outros modos de pensamento, Barthes afirma que “é preciso, sem dúvida, chegar a duplas como significante-significado, sincronia-diacronia” (1970: 50). Um, que nos remete ao modelo lingüístico de Saussure, que “é a própria ciência da estrutura” (1970: 50); o outro que implica uma noção de história: a diacronia é vista como a representação do processo histórico através da sucessão de formas, ao passo que a sincronia é a imobilização do tempo, isolando uma das formas dessa sucessão diacrônica. E é verificando a ocorrência desses processos que se pode saber se a visão estruturalista está constituída.

O estruturalismo foi, portanto, um movimento que visou a busca da compreensão dos elementos que compõem os sistemas, para assim, poder analisar e conhecer o seu objeto. Hoje o estruturalismo não tem a repercussão do período dos anos 60 e 70. No entanto, ele deixou muitas marcas na visão da sociedade, pois ainda se fala em estrutura e sistemas, evidenciando que esse movimento teve sua contribuição para o desenvolvimento dos estudos lingüísticos e de diversas ciências que buscaram no estruturalismo uma maneira de estabelecer um estudo mais



objetivo, científico, baseado na decomposição do objeto em elementos que buscavam, assim, compreender o funcionamento da estrutura do todo e sua relação com os demais sistemas.

Com a repercussão desse movimento nas décadas em que estava no auge, pode-se concluir que o estruturalismo foi um incentivo e o ponto de partida no processo de desenvolvimento das ciências humanas e sociais, para que essas pudessem encontrar novas formas de trabalhar com os seus objetos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

DOSSE, François. *História do Estruturalismo, v.2: o canto dos cisnes de 1967 aos nossos dias*. Trad. A. Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1994.

**Estruturalismo**. In: *Nova Enciclopédia Barsa*. V.6. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1997, (p.110-111).

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural Dois*. Ed. 4ª. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LACAN, J. O Seminário. Livro III, *As Psicoses*. (1955-1956) Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

**Nouveau Roman**. Disponível em [www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo](http://www.universal.pt/scripts/hlp/hlp.exe/artigo) Acesso em: 16 nov. 2004.

## NOTAS

© Alunos do Curso de Letras da UFSM, participantes do GEL – Santa Maria.

<sup>1</sup> Trabalho vinculado ao Grupo de Estudos Lingüísticos de Santa Maria, sob a orientação da Prof. Dr. Amanda Eloina Scherer.